

1º LIVRO DA SÉRIE

BRUXOS E BRUXAS



Best-seller #1 do The New York Times

Autor do ano

JAMES PATTERSON

e Gabrielle Charbonnet



Bem-vindo ao seu pior pesadelo,
ou talvez um que você não consegue nem imaginar.
Um mundo onde tudo mudou.
Sem livros, sem filmes,
sem música, sem liberdade de expressão.
Todos com menos de dezoito anos não são confiáveis.
Você e sua família podem ser levados e
aprisionados a qualquer momento.
Sua existência é dispensável,
até indesejada.

Que mundo é este?
Onde alguma coisa desse tipo poderia ter acontecido?
Essa é a questão.

A questão é que realmente aconteceu.
Está acontecendo agora conosco.
E se você não parar e prestar atenção,
seu mundo poderá ser o próximo.

PRÓLOGO

**TUDO
MUDA...
AGORA**

Wisty

É DEMAIS PARA MIM. Essas caras feias me encarando como se eu fosse uma criminosa perversa; e isso garanto que não sou. O estádio está lotado, aliás ultrapassou a capacidade de lotação. As pessoas estão de pé nos corredores, nas escadarias, nos parapeitos de concreto, e alguns milhares delas estão no campo. Não tem nenhum time de futebol aqui hoje. Eles não conseguiriam sair dos túneis que vêm dos vestiários, nem se tentassem.

Essa coisa abominável está sendo transmitida pela TV e pela internet também. Todas as revistas e os jornais inúteis estão aqui. É, estou vendo os cinegrafistas empoleirados em vários pontos do estádio.

Tem até uma daquelas câmeras de controle remoto, que desliza por fios acima do campo. Ali está, ó, pairando em frente ao palco, balançando para lá e para cá em silêncio, ao sabor da brisa.

Sem dúvida, há milhões de outros olhos assistindo a tudo isso além dos que consigo enxergar. Mas são esses, que estão aqui no estádio, que partem meu coração. Ser confrontada por dezenas, talvez até centenas de milhares de rostos curiosos, maldosos ou pelo menos indiferentes... Isso sim dá medo.

E não há um único olho marejado, muito menos lágrimas.

Nenhuma palavra de protesto.

Nenhum pé batendo com força no chão.

Nenhum punho erguido em solidariedade.

Nenhum indício de que alguém esteja pelo menos andando em frente, quebrando o cordão de isolamento e levando minha família para um lugar seguro.

Está na cara que não é um bom dia para nós, os Allgoods.

Na verdade, enquanto o cronômetro em contagem regressiva brilha nas telas gigantes de vídeo nas duas pontas do estádio, está mais com cara de que esse vai ser o nosso último dia.

Essa suspeita é confirmada pelo homem careca e muito alto no topo da torre que eles ergueram bem no meio do campo. Ele parece uma mistura de juiz-presidente da Suprema Corte e Ming, o impiedoso, das histórias do Flash Gordon. Eu sei quem ele é. Na verdade, já o conheci. Ele é O Único que é O Único.

Bem atrás de Sua Unicidade está uma faixa enorme da N.O. — A NOVA ORDEM.

E, então, a multidão começa a berrar, quase cantando “O Único que é O Único! O Único que é O Único!”.

Imperiosamente, O Único levanta a mão e seus capangas encapuzados nos empurram para frente, pelo menos até onde as cordas ao redor dos nossos pescoços permitem.

Vejo meu irmão, Whit, lindo e corajoso, olhando para baixo, para o mecanismo da plataforma. Ele está calculando se existe alguma maneira de fazer aquilo falhar, algum jeito de fazer com que ela não se abra para evitar a queda que vai quebrar nossos pescoços. Ele está pensando se há alguma esperança de sair dessa no último segundo.

Vejo minha mãe chorando, baixinho. Não por ela mesma, é claro, mas por Whit e por mim.

Vejo meu pai, o homem alto, agora curvado em resignação, sorrindo para mim e para o meu irmão, tentando nos animar, fazendo nos lembrarmos de que de nada vale ficar arrasado em nossos últimos momentos nesse planeta.

Mas estou me adiantando muito. Eu deveria estar fazendo uma introdução aqui, e não descrevendo os detalhes da nossa execução pública.

Então, vamos voltar um pouco no tempo...

LIVRO UM

**SEM
CRIME,
SÓ
CASTIGO**

Capítulo 1

Whit

ÀS VEZES VOCÊ ACORDA e o mundo está um lugar totalmente diferente.

O barulho de um helicóptero voando em círculos foi o que me fez abrir os olhos. Uma luz fria, azul esbranquiçada, invadiu as persianas e inundou a sala de estar. Como se fosse dia.

Mas não era.

Chequei o relógio no aparelho de DVD com meus olhos embaçados: 2h10 da manhã.

Ouvi um tum, tum, tum, como se fosse uma batida forte de coração. Latejando. Fazendo pressão. Chegando mais perto.

O que está acontecendo?

Fui cambaleando até a janela, forçando meu corpo a voltar para a vida depois de ter desmaiado de sono no sofá, e olhei por entre as placas da persiana.

Dei um passo para trás e esfreguei os olhos. Com força.

Porque não tinha como eu ter visto o que vi. E também não tinha como eu ter ouvido o que ouvi.

Era mesmo a marcha implacável e contínua de centenas de soldados? Marchando na minha rua em perfeita sincronia?

Minha rua não ficava perto o bastante do centro da cidade para estar na rota de paradas de dias comemorativos, e muito menos era costumeiro ter homens em uniformes de combate e armados passando por ali na calada da noite.

Balancei a cabeça e dei uns pulinhos, como se estivesse fazendo

meu aquecimento. “Acorda, Whit!” Dei um tapa no meu rosto só para garantir. E então olhei de novo.

Lá estavam eles. Soldados marchando na nossa rua. Centenas deles tão claros como a luz do dia, visíveis com a ajuda de uma meia dúzia de refletores presos nos caminhões.

Apenas um pensamento insistia em se repetir na minha cabeça: “Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo”.

Então, me lembrei das eleições, do novo governo, dos discursos revoltados dos meus pais sobre o perigo que o país corria, das transmissões especiais na TV, das petições políticas que meus colegas tinham feito circular na internet, dos debates acalorados entre os professores na escola. Eu não tinha entendido nada daquilo até aquele exato momento.

Antes que eu pudesse juntar as peças do quebra-cabeça, a vanguarda do batalhão parou bem em frente à minha casa.

Mais rápido do que eu pudesse me dar conta, dois esquadrões armados se destacaram da formação e saíram correndo pelo gramado como soldados de forças especiais, um para a parte de trás da casa e o outro tomando posição na frente dela.

Dei um pulo para longe da janela. Já dava para saber que eles não estavam ali para proteger minha família. E eu tinha que avisar a minha mãe, o meu pai, Wisty...

Mas bem quando comecei a gritar, a porta da frente foi arrancada das dobradiças.

Capítulo 2

Wisty

É BEM HORRÍVEL SER SEQUESTRADA na calada da noite, de dentro da sua própria casa. Foi mais ou menos assim que aconteceu.

Acordei com o barulho caótico dos móveis sendo revirados, seguido pelo som de vidro se espatifando, provavelmente parte da porcelana da minha mãe.

“Ai, meu Deus, Whit!”, pensei, fazendo que não com a cabeça, sonolenta. Meu irmão mais velho tinha crescido uns dez centímetros e ganhado uns 15 quilos de músculo no último ano. O que fez dele o *quarterback* mais alto e mais rápido daqui e, eu preciso dizer, o jogador mais intimidador do time de futebol americano da nossa escola, ainda invicto.

No entanto, fora do campo, Whit podia ser tão desajeitado quanto um urso, isso se um urso ficasse elétrico com uma caixa de Red Bull e se gabasse porque aguentava 125 quilos no supino. Todas as meninas da escola o achavam o cara mais lindo do mundo.

Rolei para o lado e coloquei meu travesseiro ao redor da cabeça. Antes mesmo de a bebedeira começar, Whit era incapaz de andar pela nossa casa sem derrubar alguma coisa. Total síndrome-de-touro-em-loja-de-porcelana.

Mas aquele não era o verdadeiro problema daquela noite, eu sabia.

Porque três meses antes, a namorada dele, Célia, tinha literalmente sumido sem deixar rastro. E agora todo mundo já estava achando que ela não voltaria nunca mais. Os pais dela tinham

ficado arrasados, Whit também. Para falar a verdade, eu também. A Célia era (é) muito bonita, inteligente e nem um pouco fresca. Ela é uma menina gente boa de verdade, apesar de ter muito dinheiro. O pai da Célia tem uma concessionária de carros de luxo na cidade e a mãe dela já foi miss. Eu não conseguia acreditar que algo assim pudesse acontecer com alguém como a Célia.

Ouvi a porta do quarto dos meus pais se abrir e me enrolei de novo na cama aconchegante com lençóis de flanela.

Dali a pouco, ouvi a voz poderosa do meu pai; eu nunca o tinha ouvido tão bravo.

— Isso não pode estar acontecendo! Vocês não têm o direito de entrar aqui. Saiam da nossa casa imediatamente!

Eu me sentei rapidinho, estava mais que acordada. Então, ouvi mais barulho de coisas se quebrando e escutei alguém gemer de dor. Será que o Whit tinha caído e machucado a cabeça? Será que o meu pai estava ferido?

“Putz!”, pensei, saindo da cama o mais rápido que pude.

— Estou indo, pai! Está tudo bem? Pai?

E, então, uma série de pesadelos sem-fim começou.

Meu queixo caiu quando a porta do meu quarto se abriu com tudo. Dois homens enormes, em uniformes cinza, entraram sem a menor cerimônia, me encarando como se eu fosse uma fugitiva de uma célula terrorista.

— É ela! Wisteria Allgood! — um deles disse, e uma luz brilhante o bastante para iluminar um hangar acabou com a escuridão.

Tentei proteger os olhos com as mãos enquanto meu coração parecia querer pular pela boca.

— Quem são vocês?! — perguntei. — O que vocês estão fazendo no meu quarto?

Capítulo 3

Wisty

— TOME MUITO CUIDADO COM ELA! — um dos homens gigantescos avisou. Eles pareciam soldados das Forças Especiais com números brancos enormes em seus uniformes. — Vocês sabem que ela pode...

O outro fez que sim com a cabeça, olhando pelo quarto, nervoso.

— Você aí! — ele disse sem um pinga de educação. — Nos acompanhe! Somos da Nova Ordem. Experimente tentar qualquer coisa e será rigorosamente punida!

Fiquei olhando para ele. Minha cabeça girava. Nova Ordem? Aqueles caras não eram policiais normais nem de algum serviço médico de emergência.

— Hum, eu... Eu... — gaguejei. — Eu preciso trocar de roupa. Posso... Posso ter um pouco de privacidade?

— Cale a boca! — o primeiro soldado latiu para mim. — Pegue a menina! E se proteja. Ela é perigosa, todos eles são.

— Não! Para! Não se atreva! — gritei. — Pai! Mãe! Whit!

Em seguida, um pensamento me atingiu como um trator deslizando sobre gelo. Era isso que tinha acontecido com Célia, não era?

Meu Deus! Eu podia sentir o suor frio se acumulando na minha nuca. “Preciso sair daqui”, pensei, desesperada. Tem que haver alguma maneira, algum jeito.

Eu preciso desaparecer.

Capítulo 4

Wisty

AQUELES HOMENS MEGAMUSCULOSOS em uniformes cinza congelaram de repente, suas cabeças quadradas indo para frente e para trás como marionetes.

— Onde ela está? Ela sumiu! Desapareceu! Para onde ela foi? — um deles disse, a voz rouca tomada de pânico.

Apontaram suas lanternas por todo o quarto. Um deles ficou de joelhos e olhou embaixo da minha cama; o outro foi procurar dentro do guarda-roupa.

Para onde eu tinha ido? Aqueles caras estavam completamente loucos? Eu estava bem ali. O que estava acontecendo?

Talvez fosse um truque deles para terem uma desculpa para usar força bruta. Ou talvez fossem fugitivos de um hospício que tinham vindo me pegar do mesmo jeito que tinham levado a pobre da Célia...

— Wisty! — O grito ansioso da minha mãe vindo do corredor atravessou a neblina que tinha invadido meu cérebro. — Fuja, querida!

— Mãe! — berrei. Os caras piscaram e deram um passo para trás, surpresos.

— Olha ela aqui! Pegue a menina! Ela está bem aqui! Rápido, antes que ela suma de novo!

Mãos enormes e desajeitadas agarraram meus braços e minhas pernas e, depois, minha cabeça.

— Me soltem! — gritei, chutando e tentando me livrar deles. — Me. Soltem.

Mas as mãos deles eram fortes como aço e me arrastaram pelo corredor até a sala de estar, e depois me jogaram no chão como um saco de lixo.

Eu me levantei rapidamente e mais luzes brilhantes embaralharam a minha visão. Então, ouvi Whit gritar ao ser jogado no chão da sala de estar, ao meu lado.

— Whit, o que está acontecendo? Quem são esses... monstros?

— Wisty! — Ele ficou de boca aberta. — Você está bem?

— Não. — Quase chorei, mas não podia, nem iria, e me recusava a deixar aqueles caras me verem com medo. Rememorei todos os filmes horríveis de crime baseados em histórias reais que eu já tinha visto e meu estômago virou do avesso. Eu me aninhei perto do meu irmão, que apertou minha mão com força.

De repente, as luzes foram apagadas. Piscamos para nos acostumar à escuridão e começamos a tremer.

— Mãe?! — Whit berrou. — Pai?!

Se meu irmão não estava sóbrio antes, agora com certeza estava.

Engoli em seco. Meus pais estavam de pé ali, ainda em seus pijamas amassados, mas sendo segurados pelos soldados como se fossem criminosos perigosos. É claro que não fazíamos tudo do jeito mais certinho, mas ninguém da nossa família tinha se metido em confusão antes.

Quer dizer, não que eu soubesse.

Capítulo 5

Wisty

UMA DAS COISAS MAIS ASSUSTADORAS DO MUNDO, que você nunca quer ver na vida, é seus pais indefesos e de olhos arregalados, com medo de verdade.

Meus pais. Eu achava que eles pudessem nos proteger de qualquer coisa. Eles eram tão diferentes dos outros pais... tão inteligentes, gentis, compreensivos, espertos... e eu podia ver que, naquele momento, eles sabiam de alguma coisa que eu e Whit não fazíamos nem ideia.

“Eles sabem o que está acontecendo. E estão morrendo de medo disso, seja lá o que for”, pensei.

— Mãe? — perguntei, olhando-a bem nos olhos, tentando arrancar dela qualquer mensagem possível, qualquer sinal sobre o que eu deveria fazer agora.

Enquanto olhava para a minha mãe, tive um flash, uma série de lembranças começou a aparecer na minha cabeça. Ela e meu pai dizendo coisas do tipo “Você e o Whit são especiais, querida. Especiais mesmo. Às vezes, as pessoas têm medo de quem é diferente. E o medo faz com que elas fiquem bravas e irracionais”. Mas todos os pais acham que seus filhos são especiais, né? “Falando sério, Wisty, vocês são especiais mesmo”, minha mãe tinha dito uma vez, erguendo minha cabeça pelo queixo. “Preste atenção, querida!”

De repente, mais três vultos saíram do meio das sombras. Dois

deles tinham armas presas ao cinto. A situação já estava fora de controle, de verdade. Armas? Soldados? Na nossa casa? Em um país livre? No meio da noite? E nem era fim de semana.

— Wisteria Allgood? — Quando andaram em direção à luz, vi dois homens e... Byron Swain?

Byron era um menino da minha escola de Ensino Médio, um ano mais velho que eu e um ano mais novo que o Whit. Até onde eu sabia, nós dois odiávamos aquele cara. Aliás, todo mundo o odiava.

— O que você está fazendo aqui, Swain? — Whit rosnou. — Saia da nossa casa!

Byron. Era como se seus pais soubessem que ele ia acabar sendo um idiota e lhe deram um nome apropriado.

— Quero ver você me fazer sair daqui — Byron disse ao Whit e então abriu um sorriso amarelo e nojento. Na hora, eu me lembrei de todas as vezes que o tinha visto na escola e pensado: “Mas que imbecil!”. Ele tinha cabelo castanho penteado perfeitamente para trás e olhos cor de avelã, frios como os de uma iguana.

E ali estava aquele moleque insuportável, escoltado por dois soldados de uniformes escuros, coturnos pretos e brilhantes, que chegavam acima dos joelhos, e capacetes de metal. O mundo inteiro estava virando de cabeça para baixo e lá estava eu no meu pijama ridículo de gatinhos cor-de-rosa.

— O que você está fazendo aqui? — fiz a mesma pergunta do Whit.

— Wisteria Allgood — Byron disse sem mudar o tom de voz, como um oficial de justiça, e tirou um rolo de papel que parecia oficial de não sei onde. — De agora em diante, você estará sob custódia da Nova Ordem até o seu julgamento. Você está sendo acusada de bruxaria.

Fiquei boquiaberta.

— Bruxaria? Você está maluco?! — gritei.

**COMPRE
BRUXOS
E BRUXAS
NAS
MELHORES
LIVRARIAS**